

A PRESENÇA DE MIGRANTES NORDESTINOS NO VALE DO RIO BRANCO

Manoel Aires da Silva Neto¹

Resumo: O presente trabalho busca enfatizar alguns aspectos referentes à presença de migrantes nordestinos no Vale do Rio Branco – hoje estado de Roraima – entre o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX. Pretende também traçar um panorama sucinto da Vila de Boa Vista do Rio Branco (cidade de Boa Vista a partir de 1926), utilizando como fonte trechos de relatos de viajantes estrangeiros, além de relatórios de representantes do governo do estado do Amazonas que passaram pela região no período em destaque.

Palavras-chave: Migração, Vale do Rio Branco, Boa Vista.

Abstract: This study aims to emphasize some aspects related to the presence of Northeastern migrants in Vale do Rio Branco - State of Roraima today in Brazil - between the late nineteenth century and the first three decades of the twentieth century. It also gives a brief overview of the town of Boa Vista do Rio Branco (city of Boa Vista since 1926), using as source excerpts of reports of foreign travelers, as well as reports from government of Amazonas State that have passed through the region in that period.

Keywords: Migration, Vale do Rio Branco, Boa Vista.

Introdução

Entre o final do século XIX e o início do século XX, uma grande corrente migratória se formou entre a Região Nordeste e a Amazônia, impulsionada, entre outros fatores, pelas secas que castigavam o sertão nordestino, com destaque para a grande seca de 1877-1880. Nesse sentido, autores como Benchimol (1999), Furtado (2007), Prado Júnior (2008), entre outros, que estudaram os tempos áureos da borracha² na Amazônia, mesmo com algumas divergências quanto aos números da migração, estão de acordo ao afirmar que milhares de nordestinos ingressaram nos seringais amazônicos nesse período.

A esse respeito, Benchimol (1999, p. 153-4) assegura que cerca de 300.000 migrantes nordestinos, oriundos “geralmente das zonas do agreste e sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos” ingressaram nos seringais amazônicos no período entre 1877 e 1920. Para o referido autor, entre os fatores que pesavam na decisão de migrar, além das secas – “migração por fome” –, havia também a motivação pela cobiça e a fortuna ou simplesmente pelo espírito de aventura.

Analisando a migração de nordestinos para a Amazônia nos tempos áureos da borracha, Furtado (2007, p. 189) afirma que “o Brasil conheceu no último quartel do século XIX e primeiro decênio do XX um grande movimento de população: da região nordestina para a amazônica”. De acordo com o referido autor o elemento desencadeador desse movimento migratório foi a “prolongada seca de 1877-80, durante a qual desapareceu quase todo o rebanho da região e pereceram de 100 mil a 200 mil pessoas” (p. 194). O autor em destaque aponta ainda o papel dos estados amazônicos nesse processo,

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Roraima – UFRR (2011). Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

² Período estabelecido entre 1890 e 1910, correspondente ao *boom* da economia da borracha.

organizando serviços de propaganda e concedendo subsídios para os gastos com transporte de migrantes. Por conta disso, Furtado estima que, entre 1890 e o primeiro decênio do século XX, a região amazônica pode ter recebido em torno de meio milhão de pessoas.

Seguindo a mesma direção, Prado Júnior (2008, p. 236) ressalta que “em consequência da grande seca no interior nordestino que durou de 1877 a 1880, estabeleceu-se uma forte corrente migratória daí para o Amazonas. Ela se empregará na extração da borracha cuja exportação se eleva em 1887 para mais de 17 mil toneladas”. Esse período marca, portanto, o início da grande migração de nordestinos para a região amazônica, motivada pelo desenvolvimento da indústria internacional e pela alta dos preços da borracha.

Por último, é importante salientar que nos tempos áureos da extração da borracha no Vale Amazônico uma pequena parcela dos migrantes oriundos do nordeste, se estabeleceu no Vale do Rio Branco, aonde desde as últimas décadas do século XIX vinha se consolidando um núcleo de grandes criadores de gado³. Dessa forma, o alto Rio Branco passou a funcionar como contexto de atração absorvendo trabalhadores nordestinos, principalmente para o setor da pecuária, que abastecia com gado vivo a cidade de Manaus.

Nordestinos no Vale do Rio Branco

É importante salientar que alguns autores roraimenses, como Aimberê Freitas e Dorval de Magalhães, fazem constantes referências em suas obras à presença de migrantes nordestinos no Rio Branco, principalmente a partir do final do século XIX, quando apontam a chegada de algumas famílias de pioneiros vindas do Nordeste. A leitura da obra dos referidos autores permite constatar a origem nordestina de muitas famílias que habitam atualmente no estado de Roraima, descendentes dos antigos pioneiros.

Dessa forma, segundo Freitas (2000, p. 123), a migração de nordestinos para a região do Rio Branco se intensificou entre o final do século XIX e o início do XX, sendo forte a presença de famílias paraibanas (Queiroz, Lucena, Melo, Freitas), mas que também era marcante a presença de piauienses, cearenses, rio-grandenses do norte, pernambucanos, sendo os maranhenses em maior número, em especial os dos vales dos rios Mearim e Pindaré: cidades de Bacabal, Santa Inês, Lago da Pedra, Pedreiras e Pio IX.

Magalhães (1986, p. 41), por seu turno, informa sobre uma colônia de paraibanos que se estabeleceu na localidade Passarão, margem do Rio Uraricoera, alcançando grandes lucros com o cultivo do tabaco, chegando mesmo a superar a exportação de bois, no que se refere ao valor monetário. A próspera comunidade teve início com a chegada do paraibano João Pereira de Melo, em 1910. Seu exemplo logo foi seguido por outros paraibanos, membros das famílias Lira, Queirós e Lucena.

Segundo Barros (1995, p. 51), a migração de nordestinos para o Vale do Rio Branco “se intensificou com a crise da coleta da borracha, em torno de 1920 e com os primeiros sinais de garimpagem de ouro e diamantes, que datam de 1917, na área dos rios Maú e Cotingo, ao norte do município de Boa Vista”. Barros (1995, p. 52), afirma ainda que “os cerca de 30 anos de ‘boom’ da borracha teria adiciona-

³ De acordo com Barros (1995, p. 47), a criação de gado nos campos e savanas do alto Rio Branco teve seu início no final do século XVIII, quando o governo português instalou três fazendas estatais, denominadas de Fazendas Reais: a de São Marcos, a de São Bento e a de São José.

do à população do rio Branco cerca de 6.000 habitantes, vivendo em quase totalidade no bolsão pecuário em torno de Boa Vista, muitos deles migrantes do Nordeste, Pará e, do próprio Amazonas”.

Em relação à presença de migrantes nordestinos no Vale do Rio Branco, Vieira (2007) assegura que grande parte deles eram oriundos dos seringais amazônicos e recrutados por fazendeiros estabelecidos em Boa Vista desde o final do século XIX, que teriam acumulado algum capital com a venda de gado para Manaus no auge da extração do látex. Desse modo, para Vieira (2007, p. 56) esses fazendeiros “teriam se encarregado de recrutar e financiar a vinda, principalmente, de nordestinos empobrecidos, egressos da borracha, para se instalarem na região e ali trabalharem sob o sistema de sorte”⁴. Os vaqueiros nordestinos, ao lado dos indígenas representavam a mão-de-obra das fazendas.

Outra referência à presença de migrantes nordestinos no Rio Branco pode ser encontrada no relatório do ex-Deputado Federal pelo estado do Amazonas, Luciano Pereira, que, em 1917, visitou o Rio Branco a convite de fazendeiros aí estabelecidos. Em relação à população local, Pereira (1917, p. 22) ressalta que ao lado da colônia turca de Boa Vista, havia as colônias brasileiras, onde as mais numerosas eram as nordestinas, notadamente a piauiense, a cearense e a paraibana, sendo as duas primeiras, principais fornecedoras de vaqueiros às fazendas. Havia também alguns maranhenses e pernambucanos.

Boa Vista na visão dos viajantes

O Vale do Rio Branco, desde o período colonial, vem sendo palco de expedições comandadas por funcionários do governo português, naturalistas (brasileiros e estrangeiros), além de representantes dos governos estado do Amazonas. Nesse sentido, os aspectos naturais e socioeconômicos do Rio Branco e da Vila de Boa Vista⁵ não passaram despercebidos pela visão desses viajantes e enviados do governo amazonense.

Os relatos sobre Boa Vista nesse período vão desde elogios, como os do Engenheiro Jacques Ourique, para quem a vila era dotada de “perspectivas encantadoras e belas”; à do etnólogo alemão Koch-Grünberg, que descreveu a vila como “uma fileira de casinhas claras e agradáveis, na alta e rochosa margem direita”; passando pela visão moderada de Hamilton Rice, que viu a vila como “uma aldeia na fronteira norte do Brasil”.

Jacques Ourique, embora tenha visitado o Vale do Rio Branco em duas outras oportunidades, uma em 1882 e a outra em 1888, a mando do Governador do Amazonas, Dr. Antônio Constantino Nery, fez um relato geográfico e histórico do Vale do Rio Branco no ano de 1906, descrevendo aspectos econômicos e sociais de toda a região para que pudesse servir de base na solução das questões de povoamento e progresso da região (BARBOSA & FERREIRA, 1997). De acordo com esta fonte, nesta expedição foi confeccionada uma extensa série de material fotográfico, documentado no livro “O Valle do Rio Branco”.

De acordo com Ourique (1906, p. 13), a Vila de Boa Vista nessa época apresentava “perspectivas em geral encantadoras e, de alguns pontos de vista, realmente belas. Possui boas casas, algumas de alvenaria e uma capela (matriz de Nossa Senhora do Carmo) edificada singelamente, mas com

4 O sistema de “sorte” ou “quarta” era a forma de pagamento do vaqueiro nos campos do Rio Branco, onde de cada quarto novos bezerros nascidos, um seria para o vaqueiro (VIEIRA, 2007, p. 57).

5 No dia 27 de agosto de 1926, o Governador do Amazonas, Ephifânio Ferreira Sales, concedeu foro de cidade à vila de Boa Vista, em cumprimento à Lei estadual nº. 1262” (VERAS, 2009. p. 58).

relativa elegância”, e que a vila podia ser considerada “como o centro mais importante de todo o movimento comercial, industrial e agrícola do alto Rio Branco”. Ourique se referiu ainda à presença de “duas escolas primárias para ambos os sexos”, “com regular frequência, na sede do município”.

Após a cansativa viagem de Manaus a Boa Vista do Rio Branco, no inverno de 1911, Koch-Grünberg (2006, p. 39-40) descreveu a vila como “uma fileira de casinhas claras e agradáveis, na alta e rochosa margem direita”. Para ele, a iluminação das ruas em Boa Vista era nula. Os caminhos (as ruas) estavam cobertos de mato alto, e a rua principal também era área de lazer dos animais, tais como bois, e porcos, que descansavam em buracos fundos de lama e grunhindo indignados com a aproximação de alguém. A presença de animais perambulando pelas ruas reflete a atividade econômica principal do Rio Branco: a pecuária extensiva nos campos vizinhos.

No seu relato sobre Boa Vista, o norte-americano Hamilton Rice esclarece que a vila, em 1924, era o único agrupamento nas margens do rio Branco e que tinha a honra de ser chamado de vila. Segundo ele, o tecido urbano da povoação era formado por três ruas paralelas ao rio e três perpendiculares (ver Figura 1), por onde se distribuíam as residências e o comércio. Em seu território havia 164 casas, algumas construídas com tijolo (como a igreja, a intendência, casas e armazém), sendo a maioria feita de reboco e pau-a-pique. Abrigava uma população estimada em 1.200 pessoas, da qual faziam parte portugueses, brasileiros, mestiços, índios e alguns negros vindos da Guiana (RICE, 1978, p. 25).



Figura 1: Foto aérea de Boa Vista tirada por Hamilton Rice em 1924.

Fonte: Veras (2009, p. 95).

Do mesmo modo, Rice (1978, p. 25) notou a presença marcante de soldados, que faziam parte do “Contingente Especial de Manaus”, mas que terminavam se casando e virando colonos no Rio Branco. Percebeu também a influência que as freiras e os monges beneditinos exerciam nas relações

sociais e familiares da população de Boa Vista. Para ele, essa população (brancos e mamelucos) possuía um elevado grau de moralidade, percebido em seus trajes, suas maneiras e sua amabilidade. Entretanto, não deixa de assinalar seu aspecto insalubre, em razão do regime alimentar, geralmente carente de frutas e legumes.

Considerações finais

No que diz respeito à migração de nordestinos para a Amazônia no período da borracha alguns aspectos podem ser destacados. As secas do nordeste são apontadas pela historiografia sobre o tema como a principal causa do movimento. De fato, as secas prolongadas representavam um sério problema para a região, mas não era o único. É bom que se diga que ao lado das secas havia também a estrutura fundiária nordestina, dificultando o acesso do camponês a um pedaço de terra. Por outro lado, nas maiores cidades nordestinas chegavam notícias de riquezas fabulosas vindas do Vale Amazônico. Estes fatores, com certeza, também pesavam na decisão de migrar.

Outro aspecto a ser observado é que nem sempre o migrante que chegava aos seringais amazônicos, ou aos campos do Rio Branco, era oriundo do sertão. Embora as secas sejam consideradas como a principal causa da migração, elas assolam somente o semiárido. Os autores citados neste trabalho se referem também a nordestinos que migraram das cidades litorâneas, assim como muitos vieram do Maranhão, estado que não sofre com as estiagens, tendo inclusive características da floresta amazônica no lado oeste.

Em suma, a Vila de Boa Vista, percebida por alguns viajantes como uma simples aldeia na fronteira norte do Brasil, mas por outros como dotada de perspectivas encantadoras e belas, população rarefeita, era o único centro urbano no Vale do Rio Branco. Quanto ao seu modo de vida, é certo que havia dificuldades em termos de abastecimento dos gêneros de primeira necessidade, isolamento em relação à capital Manaus, mas, como notou Hamilton Rice, a hospitalidade era um dos traços característicos dos seus habitantes, e havia também boas relações sociais e familiares além de um fluxo migratório incipiente, principalmente de nordestinos, prestes a despontar ao longo do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Reinaldo Imbrósio; FERREIRA, Efreim Jorge Gondim. Historiografia das Expedições Científicas e Exploratórias no Vale do Rio Branco. In: *Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima*. Manaus: INPA, 1997.

BARROS, Nilson Crócia. *Roraima: Paisagem e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Ed. UFPE, 1995.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – formação social e cultural*. Valer/ Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

FREITAS, Aimberê. *Geografia e História de Roraima*. Boa Vista: DLM, 2000.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orenoco*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MAGALHÃES, Dorval. *Roraima – Informações históricas*. Rio de Janeiro, 1986.
- OURIQUE, Jacques. *O Valle do Rio Branco: Estado do Amazonas – Edição Especial*. 1906.
- PEREIRA, Luciano. *O Rio Branco: Observações de Viagem*. Manaus: Imprensa Pública, 1917.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- RICE, Alexander Hamilton. *Exploração na Guiana Brasileira*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. *A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima*. Departamento de Geografia da FFLCH da USP, São Paulo-SP, 2009. (Tese de doutorado).
- VIERA, Jaci Guilherme. *Missionários, Fazendeiros e Índios em Roraima: a disputa pela terra – 1777 – 1980*. Boa Vista: Editora UFRR, 2007.